

CAPÍTULO 10

NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE MATERNIDADE E CORRIDA DE AVENTURA

Data de submissão: 07/02/2025

Data de aceite: 01/04/2025

Fabiana Duarte e Silva

Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora – Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/2604240345003272>

Ludmila Mourão

Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora – Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/7405033216117712>

RESUMO: Após oito anos competindo em Corridas de Aventura (CA) tornei-me mãe. Minha gravidez coincidiu com a aprovação no mestrado em Educação Física no qual estudei mulheres atletas de CA. Esta investigação revelou as dificuldades das mulheres neste esporte dominado por homens e resultou em um projeto de doutorado, o qual tem como objetivo pesquisar mães-atletas. Porém, a pesquisa tem sido interpellada pelos meus próprios desafios pessoais. Minha trajetória acadêmica, esportiva, e de cuidados com meu filho levaram-me a refletir sobre minha própria experiência de vida e na necessidade de aliar esta ‘objetividade corporificada’, à pesquisa. Tendo como abordagem a etnografia, busco com esta ‘ciência localizada’ refletir sobre gênero e maternidades no esporte a partir do relato de minha participação, em novembro de 2023, na Expedição Terra de Gigantes,

competição de 250 quilômetros percorridos em aproximadamente 30 horas, sem paradas, nas modalidades de mountain bike, trekking, canoagem e orientação cartográfica, na qual meu marido e meu filho estiveram presentes para torcerem pelo meu time na etapa final do campeonato brasileiro de CA.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Etnografia. Maternidades. Esporte. Corrida de Aventura.

ETHNOGRAPHIC NOTES ON MOTHERHOOD AND ADVENTURE RACING

ABSTRACT: After eight years competing in Adventure Races (AR), I became a mother. My pregnancy coincided with my acceptance into a master's program in Physical Education, where I studied female AR athletes. This research revealed the challenges faced by women in this male-dominated sport and led to a doctoral project focusing on mother-athletes. However, the research has been complicated by my own personal challenges. My academic, athletic, and caregiving journey with my child has prompted me to reflect on my own life experience and the need to integrate this ‘embodied objectivity’ into research. Using ethnography as my approach, I aim to reflect on gender and motherhood in sports through the lens of my participation in the

November 2023 Expedition Terra de Gigantes, a 250-kilometer race lasting approximately 30 hours without breaks. This race involved mountain biking, trekking, canoeing, and map navigation, with my husband and son present to support my team in the final stage of the Brazilian AR championship.

KEYWORDS: Gender. Ethnography. Motherhood. Sport. Adventure Racing.

INTRODUÇÃO

Toda trilha de reflexão escolhida no percurso da pesquisa é atravessada pelo norte social de nossa vida. Como mulher, mãe, professora de educação física e atleta de Corrida de Aventura (CA), oriento-me pela bússola dos estudos feministas e de gênero para percorrer as trajetórias de mães-atletas de CA neste esporte tão instigante.

A perspectiva dos estudos de gênero permitiu analisar a Educação Física como um ambiente político e, por consequência, um espaço de resistência e mudança nas relações de gênero. No âmbito da Educação Física, as pesquisas feministas e de gênero ajudam a desmistificar o determinismo biológico, que muitas vezes limita a participação de mulheres, meninos e meninas em certas práticas esportivas, ao argumentar, com base em características anatômicas e fisiológicas, que algumas modalidades são mais adequadas para homens e outras para mulheres. Em síntese, ao desafiar as divisões binárias, esses estudos questionam a homogeneização da categoria “mulher”, rompendo com a padronização de comportamentos e enfatizando a diversidade de experiências das masculinidades e feminilidades (GOELLNER, 2013).

A CA pode ser definida como uma competição multiesportiva que objetiva percorrer longas distâncias em diferentes modalidades, tais como *mountain bike*, *trekking*, canoagem, técnicas verticais e orientação cartográfica, no menor tempo possível, exigindo o máximo de resistência física e psíquica, por passar em locais selvagens (Togumi, 2017). Na CA o quarteto misto é a principal categoria e as equipes são formadas, na maioria dos eventos, por mulheres e homens, sendo exigência da regra ao menos uma pessoa do sexo distinto dos demais membros de sua equipe. Nesse contexto, observa-se que, na maior parte das vezes, as equipes são formadas predominantemente por homens, com apenas uma mulher, ou seja, atendendo ao mínimo estabelecido pela regra. Essa configuração, além de refletir uma conformidade limitada com as normas, pode ser interpretada como uma manifestação de preconceito. Não é sabido o motivo da criação deste regulamento, nem da hegemonia dos homens no esporte, mas sabe-se que essas características de formação das equipes prevalecem desde o surgimento da CA. Portanto podemos comparar a mulher na equipe com um “equipamento obrigatório”. Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004) encontraram em estudo que a mulher na equipe de CA representa papéis estereotipados de “cuidadora”, dando suporte emocional aos outros membros do time, ou seja, papéis que são relevantes mas considerados coadjuvantes na modalidade. As autoras encontraram nos discursos dos/ as atletas essa percepção da mulher como um “equipamento obrigatório” e que, embora em seus discursos, reconheçam as mulheres como membros importantes da equipe, também as enquadram como seu elo mais fraco (Kay; Laberge, 2004).

Este artigo é um resumo de um relato etnográfico sobre minha participação em novembro de 2023, na Expedição Terra de Gigantes, competição de 250 quilômetros percorridos em aproximadamente 30 horas, sem paradas, nas modalidades de mountain bike, trekking, canoagem e orientação cartográfica,

Para proporcionar um contexto adequado ao leitor nesta aventura intelectual, me apoio em um conceito elaborado por Michel Foucault em 1970. De acordo com Foucault, a ideia de autoria é percebida como um eixo central na estruturação do discurso. Neste âmbito, a noção de autor ultrapassa a simples definição de um sujeito que verbaliza ou elabora o discurso. Ao contrário, é vista como um elemento ordenador que dota o discurso de origem, significado e coesão. Foucault ressalta que, desde a era medieval, particularmente no domínio do discurso científico, a vinculação do texto a um autor se fazia imperativa.

Pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome, pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real (Foucault, 2014, p. 26).

Assim, identifico-me como uma mulher branca, cisgênero, professora de Educação Física, mãe, atualmente com 44 anos. Destaco que sou praticante de CA desde 2008, tendo competido em diversas equipes por todo o Brasil, sempre sendo a única mulher no grupo. Este aspecto singular serve como principal motivação para minha pesquisa sobre a participação feminina nesse empolgante esporte. É relevante mencionar minha idade, pois, em nossa sociedade, e em especial no contexto esportivo, mulheres na faixa etária da "meia-idade" frequentemente encontram-se subvalorizadas no mercado de bens simbólicos¹, buscando legitimidade e reconhecimento no esporte.

Também é relevante ressaltar que a "regra de gênero", que estipula a necessidade de os quartetos (a categoria principal da CA) serem compostos por membros de ambos os sexos, pode ser vista como um aspecto positivo para a inclusão das mulheres no esporte. Alguns atletas consideram as mulheres como um recurso valioso e escasso, comparando-as a um "diamante negro", uma peça rara para compor uma equipe. Pergunto-me até que ponto a presença feminina nesse esporte seria efetiva caso essa regra específica não existisse.

Para além das questões de gênero, é importante destacar que a CA é um esporte de difícil acesso, pois além das habilidades e condicionamento físico exigidas aos atletas, por se tratar de uma competição com várias modalidades esportivas, também requer a aquisição de uma vasta quantidade de equipamentos, tornando este esporte elitizado². Entretanto, é essencial ressaltar que neste relato manterei minha análise centrada na categoria de gênero, reconhecendo que outras perspectivas nos estudos feministas

1. Pierre Bourdieu (2012) aborda o mercado de bens simbólicos como um sistema complexo de trocas culturais que refletem relações de poder e distinção social. Destaca que os agentes sociais competem por capital simbólico, buscando legitimidade e reconhecimento dentro de campos específicos, como arte, literatura, ciência, esporte entre outros.

2. A necessidade de um alto investimento financeiro para aquisição e manutenção de uma grande quantidade de equipamentos esportivos específicos, além de gastos com viagens e inscrições de eventos, tornam a CA um esporte caro e, consequentemente elitista, com predomínio de praticantes homens, brancos, de classe média/alta e elevado grau de instrução (Silva, 2018).

abordam interseccionalidades como gênero, sexualidade, raça e etnicidade.

MULHERES E ESPORTES DE AVENTURA

Ao longo da história, algumas mulheres têm conseguido superar as barreiras impostas culturalmente para ingressar no âmbito dos esportes de aventura, abrangendo diversas modalidades (Schwartz et al., 2013). Contudo, sua presença nesse contexto ainda é, em grande medida, invisível, e as conquistas alcançadas por elas representam uma fração mínima diante dos inúmeros desafios que ainda precisam ser superados.

E quando a mulher é mãe? Posso responder que quando a mulher assume o papel de mãe, os desafios se intensificam consideravelmente. Meu interesse por este tema de pesquisa surgiu ao concluir minha dissertação de mestrado, na qual, dentre diversos achados, foi sugerido que o envolvimento de mulheres nas CA poderia ser comprometido pelo casamento e pela maternidade (Silva, 2018). Naquele momento, eu mesma havia recentemente me tornado mãe, circunstância que me distanciou temporariamente das competições. Atualmente, meu filho tem 7 anos, e estou retomando os treinamentos e participando de competições quase com a intensidade e frequência desejadas.

A partir dos resultados desta pesquisa, constatamos que para uma mulher se tornar atleta de CA, é necessário que ela desfrute de liberdade e independência, além de possuir recursos financeiros e tempo disponível para se dedicar ao treinamento e às competições. Em nossa sociedade patriarcal, tal condição parece conflitar com a realidade vivenciada pela maioria das mulheres casadas, sobretudo as que são mães.

Segundo a antropóloga Lia Zanotta Machado (2020), o patriarcado contemporâneo consiste em um conjunto de discursos normativos que naturalizam a família como estrutura básica, na qual o homem adulto ocupa a posição central e suas atividades são consideradas superiores. Esse sistema impõe a submissão das mulheres e das crianças, relegando às mulheres os papéis de filha, esposa e mãe, e impondo uma “natureza materna” que atua de forma violenta contra o sexo feminino.

As mulheres continuam a enfrentar avaliações desfavoráveis e limitantes em relação à sua presença no espaço público do esporte (Mourão, 2000). Apesar disso, muitas de nós buscamos nos distanciar, ainda que temporariamente, das responsabilidades cotidianas, como o trabalho e os estudos, bem como das obrigações domésticas a fim de nos envolvermos em atividades de aventura na natureza. Entretanto, essa escolha nos coloca diante de barreiras sociais e limitações de disponibilidade de tempo. Assim, considero-nos transgressoras, borrando a norma da natureza selvagem como um lugar inapropriado para as mulheres, ou seja, como um lugar de masculinidade hegemônica, dominado por homens, frequentemente heterossexuais e “não negros”, espaços nos quais, historicamente mulher é o “outro” (Humberstone, 2007).

A dedicação das mulheres a tais práticas demanda não apenas coragem, mas também ousadia, contudo, de forma paradoxal, pode conduzir-nos a momentos de solitude

e introspecção (Abdalad; Costa, 2009). Foi em um desses períodos introspectivos que decidi redigir um relato etnográfico, no qual me lanço à “escrita de si”³, com o propósito de narrar sobre minha experiência em um evento de CA. Este artigo apresenta parte deste relato e tem como objetivo refletir acerca da minha condição de mãe e atleta simultaneamente e os desafios que tal condição frequentemente me apresenta.

De acordo com Jane Russo e Marina Nucci (2020), a definição de maternidade é altamente variável, tanto ao longo da história quanto em diferentes culturas. Recentemente, dentro de um contexto específico de valores que pode ser descrito como ocidental, individualista e contemporâneo, houve uma mudança na percepção da maternidade. Desde meados do século XX, ela tem sido vista predominantemente como uma experiência que se desenrola principalmente no corpo e nas emoções da mulher, envolvendo a relação entre seu corpo e o da futura criança.

Ainda segundo as autoras, para uma mulher pertencente a camadas médias, letrada, psicologizada e feminista, a maternidade não é uma questão predefinida. Pelo contrário, há uma crítica ao papel tradicional atribuído à mulher, o que levou a uma reavaliação da maternidade. A decisão de ter ou não um filho é considerada uma escolha individual, muitas vezes decidida apenas pela mulher e, por vezes, em conjunto com seu parceiro.

No entanto, para uma mulher atleta, cujo corpo representa sua principal ferramenta de trabalho, o projeto da maternidade pode entrar em conflito com seus objetivos esportivos, fazendo com que ela reavalie ou postergue a decisão de tornar-se mãe. Ademais, isso pode suscitar inquietações quanto à idade apropriada para a gravidez, considerando que a biomedicina sugere que uma gestação com menores riscos ocorra antes dos 35 anos.

A noção de corpo adotada aqui corrobora com a noção que Sônia Maluf (2010), aborda a partir de uma perspectiva antropológica, destacando a importância do corpo como uma construção cultural e socialmente situada. Maluf argumenta que o corpo não deve ser compreendido apenas como uma entidade biológica, mas também como um fenômeno culturalmente construído e socialmente significativo. Ela discute como diferentes culturas têm diferentes concepções e práticas relacionadas ao corpo, e como essas concepções e práticas são moldadas por fatores sociais, históricos, políticos e econômicos.

A respeito da excessiva carga de obrigações e atenções dirigidas aos filhos, que se impõe majoritariamente às mulheres, recorro às contribuições de Elizabeth Badinter (1995) a qual argumenta que o conceito de amor materno como um instinto natural é, na verdade, um artefato social. Surgido com a ascensão da classe média e a valorização da família nuclear, essa ideologia pressiona as mulheres a alcançarem um ideal inatingível, gerando culpa e limitando sua liberdade. A idealização do amor materno também afeta

3. A autora Margareth Rago (2013) empregou o conceito de “escrita de si” em sua obra intitulada “A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade”, publicada pela editora Unicamp. Este trabalho preenche uma lacuna deixada pela ciência tradicional, a qual historicamente obscureceu as mulheres, negando-lhes o reconhecimento como sujeitos históricos. Através das narrativas autobiográficas de mulheres que viveram durante o período da ditadura militar, o livro reconstrói uma parte significativa da história do Brasil, sob a ótica das trajetórias de luta de sete mulheres brasileiras.

negativamente a relação mãe-filho, criando expectativas irreais e tensas.

A crítica feminista e os estudos de gênero destacam especificamente como a maternidade é percebida socialmente como um instinto natural feminino, impulsionado por um forte imperativo moral, e evidenciam a desigualdade na distribuição do cuidado com as crianças entre homens e mulheres (Nucci, 2018).

TRILHAS DE INVESTIGAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E REFLEXÃO

Para enriquecer minha pesquisa, compartilho o conceito de “ciência localizada”, proposto por Donna Haraway (1995), que discute o processo pelo qual as mulheres devem afirmar sua voz e autoridade no campo científico ao interpretar o que ela denomina de “texto da natureza”, fortemente influenciado por perspectivas masculinas. Ela destaca que o objetivo não é criar uma ciência que seja mais “real”, mas sim fomentar novas narrativas e abordagens. Para Haraway, a objetividade não significa neutralidade, mas sim adotar diversas perspectivas e assumir responsabilidades. Ela propõe uma “objetividade corporificada” ou “ciência localizada”, enfatizando a importância do envolvimento e da responsabilidade.

Mariza Peirano (2014) argumenta que o conceito de “método etnográfico” é complexo. Um dos motivos está no fato de que a pesquisa de campo não possui um início e um fim definidos, pois esses momentos são arbitrários e dependem da capacidade de causar estranhamento, da singularidade da experiência e da necessidade de investigar por que certos eventos nos surpreendem. Nesse contexto, os etnógrafos não são apenas observadores, mas também participantes ativos da pesquisa.

TERRA DE GIGANTES

A competição descrita neste trabalho consistiu na final do Circuito Brasileiro da Confederação Brasileira de Corrida de Aventura (CBCA), denominada Expedição Terra de Gigantes, uma prova tradicional e aguardada pelas equipes no circuito nacional de CA. Esta competição é reconhecida pelo seu alto nível técnico e pela presença das principais equipes do Brasil, além de algumas representantes de países vizinhos como Argentina e Uruguai.

Desde o início de 2023, tenho competido como parte da equipe mineira Capivaras⁴. Curiosamente, foi a primeira vez em que minha equipe convidou outra mulher para integrar o time e também a primeira vez em que viajei acompanhada por meu esposo, Rodrigo⁵, e meu filho. Convencer Rodrigo a me acompanhar nessas viagens de competição foi um desafio, visto que ele não é muito entusiasta desses eventos devido à falta de oportunidade para programarmos atividades em família, dada a longa duração da prova. Conseguí convencê-lo ao destacar que se tratava da final do campeonato e que estávamos disputando o terceiro

4. Nome fictício.

5. Adotando uma perspectiva que valoriza a ética relacional, opto por mencionar os nomes verdadeiros de meu esposo e filho, dada a natureza autobiográfica deste trabalho. Acredito que tal escolha contribua para enaltecer os laços interpessoais no contexto do relato. Levando em conta a minha própria exposição pública, especialmente nas redes sociais, não se justificaria manter em anonimato os membros da minha família, visto que já compartilhamos uma visibilidade comum. É importante destacar, contudo, que os nomes dos demais colaboradores mencionados neste texto são fictícios, visando preservar a privacidade e a confidencialidade das suas identidades.

lugar no circuito. Além disso, o local da competição, na região serrana de Macaé, Rio de Janeiro, é conhecido por sua beleza natural, com belas cachoeiras que ele aprecia. Em relação ao nosso filho, Lorenzo, a conversa foi mais simples, pois ele estava entusiasmado em ver sua mãe competindo. A prova se desenrola em meio à natureza, muitas vezes em locais de difícil acesso, o que torna quase impossível acompanhar toda a competição. A promessa era de que, enquanto eu competia, eles poderiam desfrutar dos parques naturais e das comodidades da pousada.

Enfim chegamos em Sana e após me encontrar com os outros integrantes da equipe, Maria, Marcos e Paulo⁶ e organizar tudo para a corrida, incluindo equipamentos, alimentos e análise dos mapas fornecidos pela organização no momento de apresentação da prova, finalmente chegou a hora da largada, que ocorreu às 22H. A largada de uma CA, embora seja um momento de ansiedade e tensão, representa também um alívio, pois simboliza a conclusão de todas as etapas preparatórias. Acredito que, a partir do som da buzina e do movimento inicial das equipes, a experiência se transforma em pura diversão. Este momento é altamente esperado pelos atletas, pois a complexidade e a totalidade da CA só podem ser plenamente vivenciadas durante a competição, algo que não se reproduz integralmente nem mesmo nos treinos mais intensos.

“Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um”... Larguei ouvindo o som da voz do Lorenzo dizendo “Tchau, mamãe!”. Uma mistura de intensa alegria, apreensão e emoção me envolveu. Era a primeira vez que ele testemunhava a mamãe partir para uma aventura. Desde pequeno, ele acompanha essa jornada, vendo meus troféus e medalhas, ouvindo as histórias e vendo as fotos. Ele aguarda ansioso a minha volta de cada viagem, provavelmente sentindo saudades, assim como eu. Pedalava lentamente entre as outras bicicletas dos demais atletas, minhas pernas tremiam... Um carro madrinha à frente e uma ambulância controlavam o ritmo das bicicletas no perímetro urbano. Logo, veio uma descida longa e eu pude sentir o forte cheiro de pastilha de freio “queimando” nos discos das rodas que giravam freneticamente. Percebi também que havia esquecido meus óculos de proteção e a poeira da estrada começou a irritar meus olhos. Ao sair da cidade, a escuridão da estrada de terra se impôs, apenas a luz dos faróis das lanternas iluminava o caminho e as costas dos atletas. A velocidade do pelotão aumentava e eu tentava acompanhar o ritmo, já com a respiração ofegante, enquanto buscava avistar a Maria, que se juntara ao pelotão da frente, o mais veloz. Assim começou a corrida, com adrenalina nas veias e gosto de sangue na garganta.

Foram 39 KM percorridos em aproximadamente três horas, nesta primeira perna de *mountain bike*, até chegarmos na primeira Área de Transição (AT), onde fizemos a transição para a modalidade de *trekking*. A navegação noturna apresentou-se como um desafio acentuado, no entanto, nossa equipe, beneficiada pela presença de dois excelentes navegadores, não enfrentou maiores dificuldades até a segunda AT. Não havia infraestrutura organizacional nesta AT; apenas localizamos a bolsa de canoagem, com a qual organizamos nossos equipamentos e provisões para as próximas etapas da prova, que incluíam a canoagem de 39 KM e o subsequente *trekking* de 43 KM. Antes de embarcar no caiaque,

6. Nomes fictícios

procurei um local discreto às margens do rio, um monte de terra, para urinar, considerando que realizar tal necessidade durante a etapa de canoagem costuma ser mais desafiador.

Para mim, a etapa de canoagem é sempre a mais desafiadora, visto que é a modalidade na qual dedico menos tempo de treino e, inicialmente, sinto dores consideráveis nos ombros. Além disso, é o momento em que o sono mais me afeta. Devido aos preparativos para a prova, na véspera, não conseguimos descansar adequadamente, e a ansiedade apenas intensifica a dificuldade de dormir. Em competições com largada noturna, como esta, o desafio relacionado ao sono se amplifica.

Chegamos na terceira AT junto com a equipe Tapajós⁷, que se preparava para iniciar o *trekking* de 43 KM. Realizamos uma transição tranquila, hidratamo-nos, comemos batatas cozidas que tínhamos guardado na bolsa e passamos filtro solar, já que o sol não dava trégua. Esta etapa de trekking passou por trilhas de uma reserva ecológica, nos brindando com o privilégio de podermos reabastecer nossos sistemas de hidratação com águas limpas de nascentes. Neste trecho conseguimos aumentar o ritmo e, em um ponto elevado, encontramos algumas equipes perdidas, incluindo os Tapajós, que estavam competindo conosco pela terceira colocação. Neste momento, uma grande tempestade estava se formando.

Na última AT, localizada em uma casa de campo, algumas equipes se ajeitavam na varanda, tentando se proteger da chuva. Maria, Marcos e eu aproveitamos para nos hidratar e alimentar. Paulo deitou no chão, no canto da varanda, e adormeceu. Tentamos acordá-lo para discutirmos o que fazer em seguida, mas ele não se mexeu. Achamos prudente deixá-lo descansar, visto que o papel do navegador exige um esforço cognitivo significativo, além do físico, e decidimos descansar também.

Tentei me ajeitar para tirar um cochilo, mas tudo estava molhado. O barulho da chuva no telhado era ensurdecedor. Enquanto organizava minhas coisas, a energia acabou e tudo ficou escuro. Acendemos nossas *headlamps* e concluí as preparações para seguir para a próxima etapa, enquanto Paulo permanecia adormecido.

Eu só queria sair dali e continuar a prova. Um sentimento de inquietação se apoderou de mim, pois permanecer naquele local desconfortável não estava nos meus planos. Comecei a questionar a mim mesma sobre o motivo de estar ali. Meus pensamentos se voltaram para Lorenzo e Rodrigo. Pensava no banho quente e na roupa de cama limpa da pousada. Recordava-me do cheiro do cangote de Lorenzo quando me deitava com ele à noite para fazê-lo adormecer... E eu simplesmente não conseguia dormir.

Finalmente decidimos acordar Paulo, o qual levantou-se com semblante desalentado, apesentando sinais de desidratação. Pedalamos sob chuva, enfrentando longas ascensões. Observei que Maria e eu estávamos à frente, enquanto os rapazes ficavam cada vez mais para trás. Foi necessário diminuir o ritmo para esperá-los, permitindo que outras equipes avançassem, desaparecendo de nossa vista. Naquela altura, nossa principal preocupação

7. Nome fictício

era simplesmente chegar ao fim da prova. Passando por uma pequena cidade do interior, decidimos fazer uma pausa em uma padaria para lanchar. Ao estacionarmos as bicicletas, Paulo deitou-se no chão e adormeceu novamente. Fiquei preocupada ao perceber que seu rosto estava muito vermelho, suspeitando de insolação. Sentamos em uma mesinha do lado de fora. Os moradores que entravam para comprar pão nos olhavam com curiosidade, alguns perguntando de onde vínhamos e para onde íamos. Estávamos sujos, exaustos e cheirando mal. Enquanto observava Paulo deitado no chão, uma série de pensamentos passava pela minha mente: refleti sobre sua força física e mental, admirando sua resiliência, e também reconheci a nossa própria resistência, minha e de Maria, as mulheres da equipe. Suportamos todos os desafios físicos e emocionais até ali. Ponderava sobre como conseguiríamos prosseguir e completar os mais de trinta quilômetros restantes, a maioria deles em subidas íngremes até a linha de chegada. Além disso, ansiava por voltar para casa e estar com minha família. Um sentimento de angústia voltou a me dominar. Pensava no que Rodrigo estaria pensando naquele momento, se estaria preocupado ou chateado por eu ainda não ter chegado e por não termos conseguido passar um tempo juntos naquele lugar tão bonito. Destarte, ao examinar as narrativas de outras mães atletas de aventura, percebemos que muitas delas enfrentavam sentimentos de culpa ao retornarem às competições. Essa constatação nos levou a refletir sobre a persistência de uma estrutura patriarcal que coloca a maternidade como o principal papel na vida dessas mulheres (Silva; Novais; Chaves; Mourão, 2023).

Naquele momento me intriguei ao pensar sobre a dinâmica de gênero presente em nossa equipe. Comumente, se uma mulher mostra-se mais lenta que seus companheiros de equipe, é praxe que o homem mais forte se ofereça para empurrá-la ou rebocá-la sem que haja uma discussão prévia sobre isso. Essa prática sugere uma expectativa implícita de que a mulher possa precisar ser auxiliada em algum momento da corrida. Contudo, quando o membro que enfrenta dificuldades é um homem, percebe-se uma relutância em aplicar o mesmo procedimento. Parece haver um acordo tácito de que um homem não deve ser rebocado. Nesse contexto, predomina um desconforto geral, levando a equipe a simplesmente diminuir seu ritmo ao invés de tomar medidas mais assertivas.

Enfim, atravessamos a linha de chegada na Praça de Sana recebidos sob aplausos de amigos e outros atletas, além da comunidade da CA. Fiquei emocionada ao ver Lorenzo correndo em minha direção para me abraçar. Rodrigo também estava lá, aguardando com uma marmita de almoço, que prontamente devorei. Ter minha família comigo naquele momento foi incrivelmente gratificante.

Já no retorno à Juiz de Fora, levei um tempo para conseguir adormecer, apesar da exaustão. A adrenalina parecia não ter se dissipado completamente. Minha mente revivia os momentos da prova, que continuariam a ecoar por semanas. Meu corpo estava dolorido, marcado por arranhões, assaduras e bolhas nos pés. Contudo, experimentei uma satisfação indescritível, a qual talvez possa ser atribuída à tal felicidade.



Foto de Wladmir Togumi. Fonte: CBCA (<https://cbcaventura.org.br/sobre-a-cbca/>). Descrição: Eu e Lorenzo na chegada da Expedição Terra de Gigantes em 04 de novembro de 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre minha participação como mulher, mãe, e atleta na Corrida de Aventura ampliando a reflexão sobre gênero e maternidades neste esporte dominado por homens. Na tentativa de transformar minha paixão pelo esporte em ciência, encontrei na etnografia um caminho possível apesar da dificuldade em descorporificar os desafios vividos em palavras escritas.

Mesmo que eu descubra minha verdadeira essência no esporte e, durante aventuras na natureza, acreditei encontrar minha identidade genuína ao assumir o papel de uma mulher aventureira, o papel recém-assumido de mãe parece agora ser uma presença constante e indelével em meu corpo. Destarte, em análise de narrativas de mães-atletas de CA, identificamos a ideia de que a maternidade provoca uma transformação na identidade das mulheres (Silva; Novais; Chaves; Mourão, 2023). Gênero, portanto, é uma das categorias que oportuniza o debate na CA, pois ao mesmo tempo que este esporte possui hegemonia masculina, desafia as mulheres a superação desta.

REFERÊNCIAS

ABDALAD, Luciana. Silva, COSTA, Vera. Lúcia. Menezes. A Participação das mulheres nos esportes de voo livre: um estudo sobre as práticas de aventura e risco. **Revista Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 121-145, 2. sem. 2009.

BOURDIEU, Pierre. (1930-2002). **O Poder Simbólico**/ Pierre Bourdieu. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 322p.

BADINTER, Elizabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Elisabeth Badinter; tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FOUCAULT, Michel. (1926-1984) **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 74 p.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07-41, 1995.

HUMBERTSTONE, Barbara. ‘Transgressões de gênero e naturezas contestadas’. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 21-38, 2007.

KAY, Joane; LABERGE, Suzane. ‘Mandatory equipment’. Women in adventure racing. In: WHEATON, B. **Understanding lifestyle sports**. Consumption, identity and difference. London: Routledge, 2004. p.154-174.

MACHADO, Lia Zanotta. (2000). **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** In: Sociedade Brasileira de Sociologia (Ed.) *Simpósio Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo*, 52ª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência. Brasília: SBP.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v.9, n. p.87- 99, 2001.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 5-18, 2000/2.

NUCCI, Marina. Maternidade, gênero e ciência: reflexões e tensionamentos. 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília, DF, 2018.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**. n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

RAGO, Margareth. **A Aventura de Contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. 341p.

RUSSO, Jane; NUCCI, Marina. Parindo no paraíso: parto humanizado, oxitocina e a produção corporal de uma nova maternidade. **Interface** (Botucatu). 2020; 24

SCHWARTZ, Gisele Maria; FIGUEIREDO, Juliana Paula; PEREIRA, Leonardo Madeira; CHRISTOFOLETTI, Daniele Auriemo, DIAS, Viviane Kawano. Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. **Motricidade**, Vila Real, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2013.

SILVA, Fabiana Duarte; NOVAIS, Mariana Cristina Borges; CHAVES, Bruna Silveira; MOURAO, Ludmila (2023). **A corrida mais difícil do mundo: Desafios da maternidade na Corrida de Aventura**. Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte.

SILVA, Fabiana Duarte. Memórias de Atenah: Trajetórias de mulheres brasileiras na corrida de aventura. 161 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Juiz de Fora, 2018.

TOGUMI, Wladimir. A corrida de Aventura. In. FONSECA, Caco. **Corrida de Aventura**: A natureza é nosso desafio. São Paulo. Editora Labrador, 2017. p. 13-25.

AUTORIZAÇÕES/RECONHECIMENTO

Esta pesquisa possui apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES), por meio de concessão de bolsa de estudos para a primeira autora.